

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C749a Congresso Nacional de Arquivologia (4. : 2010 : Vitória, ES).
Anais do IV Congresso Nacional de Arquivologia, 19 a 22 de
outubro de 2010. - Vitória, ES : [AARQES], 2010.
1 CD-ROM

Tema: A Gestão de Documentos Arquivísticos e o Impacto das
Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.
ISBN: 978-85-63771-00-1

1. Arquivologia - Congressos. 2. Documentos arquivísticos -
Congressos. 3. Tecnologia da informação. I. Título. II. A Gestão de
Documentos Arquivísticos e o Impacto das Novas Tecnologias de
Informação e Comunicação.

CDU: 930.25

Realização



Patrocínio



Apoio



Parceiros



Agência Oficial



Organização



IV CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA
“A GESTÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS E O IMPACTO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO”
19 A 22 DE OUTUBRO DE 2010 – VITÓRIA-ES

VI ENCONTRO DE PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA

ABREVIATURAS DE MANUSCRITOS DOS SÉCULOS XVI AO XX

MARIA HELENA OCHI FLEXOR*
mhflexor@atarde.com.br

RESUMO: Os manuscritos históricos, dos séculos XVI ao XIX, são básicos para trabalhos de pesquisa em sociologia, geografia, história, filologia e lingüística entre outras áreas. No processo de consulta a esses manuscritos, os pesquisadores se defrontam com várias dificuldades de leitura, tanto no que diz respeito aos materiais básicos da escrita, - papel e tinta -, quanto aquelas ligadas à grafia, caligrafia, vocabulário e, principalmente, quanto às abreviaturas. Para auxiliar o desdobramento e compreensão dessas abreviaturas foram editadas três edições, revistas e aumentadas, das “Abreviaturas – manuscritos dos séculos XVI ao XIX”. Contamos o percurso, entre 1979 e 2008, para composição dessas edições.

Palavras-chave: Paleografia, manuscritos, dificuldades de leitura, abreviaturas.

Esta comunicação dirá respeito às abreviaturas de manuscritos antigos e históricos, cuja forma corrente de escrita, nos séculos XVIII e XIX, chamaram nossa atenção desde os tempos de aluna de graduação em História, na Universidade de São Paulo. A atividade que hoje é contemplada por bolsa, pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) era, então, desenvolvida em sistema de voluntariado.

Foi nessa condição que, não só fizemos pesquisas em jornais do Arquivo Público do Estado de São Paulo, em busca de anúncios sobre compra e venda e fuga de escravos, para o professor Sérgio Buarque de Holanda, quanto fomos desafiada a decifrar os manuscritos da Coleção Lamengo, que fora doada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, depositada então em sua antiga biblioteca na Rua Maria Antônia, e hoje pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo.

* Doutora em História Social (USP), professora emérita da Universidade Federal da Bahia, professora da Universidade Católica do Salvador (UCSal).

Esse primeiro contato com a documentação resultou num interesse, cada vez mais crescente, pela leitura de documentos que, com auxílio de aulas de Paleografia do próprio Curso de Graduação em História, e alguns outros cursos feitos a título de extensão, nos levou à Paleografia, que preferimos designar Neografia, desenvolvida como *hobby*, considerando que a vida acadêmica esteve sempre voltada para a História da Arte e História Urbana.

O aprimoramento na leitura de manuscritos foi feito na prática, que é a forma mais recomendada de aprendizagem, por meio de leitura de centenas de documentos, que permitem, hoje, certa familiaridade com as abreviaturas, caligrafias e grafias antigas.

O contato com alunos, pesquisadores e com os próprios manuscritos nos fez perceber que a existência de abreviaturas nos documentos antigos têm sido uma das grandes dificuldades de leitura para quem se dispõe a lê-los e deles extrair dados para suas pesquisas. Embora não se tenha encontrado um sistema de abreviaturas na documentação luso-brasileira do período, compreendido entre o século XVI e XIX, existem algumas que são usadas com certa assiduidade, que facilitam a familiarização do leitor com essa forma de grafar as palavras. Há outras, porém que, muitas vezes, resultaram da fantasia do escrivão, o que torna sua decifração mais dificultosa. Da mesma maneira, são de difícil decifração as variações das formas de abreviar um mesmo vocábulo.

Para minimizar essa dificuldade, muito embora, aquelas dificuldades relativas à caligrafia, grafia, vocabulário, e mesmo o estado de conservação do papel, ou qualidade da tinta podem estar intimamente unidos às abreviaturas, procuramos pelo menos ampliar, cada vez mais, os seus desdobramentos para possibilitar a leitura mais corrente dos manuscritos.

A elaboração dessa relação de abreviaturas tem origem bastante antiga, quando iniciamos as pesquisas na Divisão de Arquivo da cidade do Salvador ligada, no período, à Secretaria de Cultura do Município. O então diretor da Divisão, professor e historiador Affonso Ruy, nos solicitou que ministrássemos um curso de “Noções de Paleografia”, em 1967, destinado a treinar seus funcionários, tentando melhorar sua relação com a documentação, especialmente quanto ao seu uso, manuseio e transcrição¹.

¹ Hoje, o que restou da documentação do período colonial, imperial e parte do republicano, encontra-se sob a guarda da Fundação Gregório de Mattos, ligada à Prefeitura. Compõe o

Desse curso surgiu uma pequena lista com algumas abreviaturas, que fomos recolhendo ao longo das pesquisas naquele Arquivo, distribuída a título de exemplo entre os alunos/funcionários. Por iniciativa do diretor, essa lista foi impressa pelo Centro de Estudos Baianos (FLEXOR, 1970, 15p.), embora não se tivesse então, recursos técnicos suficientes para publicá-las, por exemplo, com letras suspensas. Nesse exemplar incluímos abreviaturas do século XII que, posteriormente, devido à pouca utilidade para a historiografia brasileira, foram retiradas. Essa pequena publicação contém algumas considerações gerais sobre paleografia, escritas pelo próprio professor Affonso Ruy, a título de introdução.

D — dom (sec. 17)	Domges — Domingos (sec. 20)
D — Dona (sec. 19 e 20)	Dom' — Domus (sec. 12)
D — doutor (sec. 17)	Dom' — Domnus (sec. 13)
D — de (sec. 14)	Dōni — Domini (sec. 14)
D — do (sec. 14)	Dos — Domingos (sec. 12)
D — da (sec. 14)	Doz — Domingues (sec. 14)
D — de (sec. 14)	Dr. — Doutor (sec. 20)
D' — Deus (sec. 14)	Dr — dicitur (sec. 14)
Da — dia (sec. 15)	Dro — dinheiro (sec. 19)
De — duque (sec. 16)	Ds — Deus (sec. 15)
De — deve (sec. 19)	Dta — dita (sec. 14)
Del — Daniel (sec. 20)	Dto — dito (sec. 15)
Do — Diogo (sec. 14)	Dto — dito (sec. 14)
Do — Diogo (sec. 15)	Ducq — duque (sec. 15)
Do — dito (sec. 19)	Duc — duque (sec. 15)
Do — despacho (sec. 19)	Dvx — duxit (sec. 12)
Dor — doutor (sec. 19)	Dzas — duzias (sec. 19)
D.G. — Deo Gratias (sec. 15)	Dz — duzia (sec. 20)
DoGde — Deus guarde (sec. 17)	Dzo — dezembro (sec. 17)
DsGdemosans — Deus guarde muitos anos (sec. 19)	
D.G.de — Deus guarde (sec. 17)	E
Dta — dita (secs 19 e 20)	E — era (secs 12 e 13)
Dcta — dita (sec. 14)	E — era (sec. 15)
Deda — dedicada (sec. 17)	E — em (sec. 14)
D/D — dias data (sec. 19)	E — est (sec. 12)
Defos — defuntos (sec. 16)	E — em (sec. 14)
Deixao — deixaram (sec. 16)	E — era (sec. 14)
Descendes — descendentes (sec. 17)	Ea — era (sec. 13)
Desgdo — desgraçado (sec. 19)	Ede — idade (sec. 13)
Despo — despacho (sec. 19)	Eans — Eanes (sec. 16)
Despdar — de espaldar (sec. 14)	Ecle — Ecclesia (sec. 12)
Dezor — desembargador (sec. 17)	Ecll — Ecclesia (sec. 13)
Dezbro — dezembro (sec. 19)	Eccle — Ecclesia (sec. 12)
Dezro — dezembro (sec. 16)	Egeia — igreja (sec. 16)
Dezbro — dezembro (sec. 18)	Egr — Igreja (sec. 20)
Dezbro — dezembro (sec. 17)	Egia — Igreja (sec. 16)
Dgos — Domingos (sec. 19)	Eigi — Igreja (sec. 14)
Dio — Diogo (sec. 16)	Eigia — Igreja — (sec. 14)
Dis — 515 (sec. 16)	Eigia — Igreja — (sec. 14)
Dn — Duínio (sec. 17)	Ellto — eleito (sec. 14)
Domo — Domingo (sec. 19)	Embaxor. — embaixador (sec. 16)
Domos — Domingos (sec. 19)	Er — era (sec. 13)
Dna — domina (sec. 14)	E.R.M.ec — espere receber mercê (sec. 19)
Dni — domini (sec. 12)	Erdos — herdeiros (sec. 17)
DNS — Deus Nosso Ssenhor (sec. 14)	Erdros — herdeiros (sec. 17)
Dō — dom (sec. 16)	Escudo — escudeiro (sec. 15)
Do — Deo (sec. 14)	Espto — espírito (sec. 18)
Do' — dois (sec. 14)	EsCRM — escrivão. (sec. 19)
Doa — dona (sec. 15)	Escre — escrever (sec. 19)
Dos — dois (sec. 14)	Espuã — Escrivão (sec. 16)
Documto — documento (sec. 19)	Esto — Estado (sec. 18)
Doc. — documento (sec. 20)	Estima — estimada (sec. 19)
Dōiz — Domingues (sec. 16)	Etca — etecetera (sec. 19)
Dom — domingo (sec. 17)	Ev — eum (sec. 12)

5

Exemplos de abreviaturas sem sufixo suspenso.
Fonte: FLEXOR, 1970, p. 5.

Um ano mais tarde, ainda para os funcionários do Arquivo Municipal, ampliamos e repetimos o curso, incluindo epigrafia, e aumentamos a referida lista².

Em 1971 promoveu-se novo curso, agora destinado a funcionários de arquivos em geral, estendendo-se a professores e historiadores, do qual resultou uma “Relação de Abreviaturas”, então mimeografada e publicada dentro da série de documentos do Arquivo, chamada Cadernos do Arquivo Municipal.

Com o caráter de Extensão Universitária, em 1975, ampliamos o curso para “Noções de paleografia e diplomática, aplicadas à pesquisa histórica”, sob o patrocínio do Departamento V – História da Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura³, Centro de Estudos de Arquitetura na Bahia (CEAB)⁴ e Coordenação Central de Extensão, da Universidade Federal da Bahia. Foi destinado a alunos dos cursos de Arquitetura, de História e funcionários do Arquivo Municipal e do Arquivo Público do Estado da Bahia, professores das Faculdades de Arquitetura e Escola de Belas Artes. Esse curso teve como principal finalidade preparar os estagiários do Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia, onde trabalhamos como responsável pelo setor de pesquisa manuscrita e impressa de arquivos, a partir de 1965⁵.

Para esse curso, entre outros materiais, fornecemos uma “Relação de Abreviaturas”, mimeografada, mais uma vez a título de exemplo, para os alunos. Era bem mais ampla em relação às antecedentes, pois já contava com cerca de 5 mil abreviaturas.

² Listamos, também, exemplos de grafia, ortografia, vocabulário, tipos de documento, exemplos de erros de transcrição e mesmo desenhos do abecedário, maiúsculo e minúsculo. Também essas listas vem sofrendo acréscimos de tempos em tempos.

³ Do qual fomos professora entre 1965 e 1970, quando, por força da Reforma Universitária História da Arte, que lecionávamos, foi transferida para a Escola de Belas Artes.

⁴ Compusemos o quadro de pesquisadores desse Centro por 24 anos.

⁵ Após 1980, os Cursos de Leitura de Documentos Manuscritos foram repetidos várias vezes, especialmente no Arquivo Público do Estado da Bahia, tendo sido também ministrado na Universidade Católica de Goiás, Universidade de São Paulo (USP - Visitante Curso Pós-graduação em História, e Curso de Graduação em Letras), Universidade Federal do Paraná (História e Especialização em Restauro de Papel), Casa da Memória e Arquivo do Estado do Paraná, Universidade Federal de Sergipe (UFS - Departamento de História), Instituto Goeldi da Universidade Federal do Pará, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Universidade de Brasília (UnB - Curso de Comunicação) e mesmo na Bahia na Universidade Federal da Bahia (Curso de Letras), Universidade Salvador (UNIFACS, Curso de Letras), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS - Casa do Sertão e Curso de Artes e Letras), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB - (Curso de Graduação e Pós-graduação em História), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC - Curso de História), Universidade Católica do Salvador (UCSal – Minicurso na Semana de Mobilização Científica).

Logo depois, em 1976, voltamos a São Paulo para realizar doutoramento na Universidade de São Paulo. Buscando fontes manuscritas para a tese, começamos a freqüentar diariamente o Arquivo do Estado de São Paulo, ocasião em que seu diretor, professor doutor José Sebastião Witter, com uma cópia do exemplar da “Relação de Abreviaturas”, de 1975, nos consultou sobre a possibilidade de ampliação da lista para publicação, sob o patrocínio daquele Arquivo.

Com a colaboração de Arlete Roveri, Odair Rodrigues, então funcionários do Arquivo, e alunos da Graduação em História da USP, Jacy Machado Barletta, Maria Marta Mesquita de Faria, Maria Beatriz Freitas Costa, Paulo Eduardo Martins Araújo e Wagner Márcio Piazzentin Nabuco de Araújo, como estagiários, foram iniciados os trabalhos em equipe. A relação de abreviaturas foi, então, enriquecida com a coleta de inúmeras outras, feita na documentação do Arquivo. Recolhido o material, sistematizamos datilografamos e o setor de publicações da instituição imprimiu, em *offset*, a primeira edição das “Abreviaturas – manuscritos dos séculos XVI ao XIX”, em 1979.

Essa publicação abarcou abreviaturas que foram utilizadas em documentos sobre o Brasil e Portugal, mas recolhidas apenas nos arquivos da Bahia e no Arquivo paulista. Fizemos algumas inserções de expressões latinas, ou em outras línguas próximas do português, devido ao uso corrente que tiveram na documentação apontada.

Por fatores diversos, o levantamento ficou restrito a esses Arquivos o que, de certa forma, explica a omissão de muitas abreviaturas, especialmente àquelas referentes a topônimos, e vocábulos próprios de outras localidades brasileiras ou mesmo de antigas áreas de possessão lusitana, cuja documentação não foi consultada. Utilizamos, também, como fonte, obras impressas de transcrições de manuscritos cujos originais, em muitos casos, não podiam ser manipulados devido ao seu estado de conservação.

A busca dessas abreviaturas nos documentos originais determinou a fixação das datas em que as mesmas foram utilizadas. Isto, evidentemente, não exclui a possibilidade de que as abreviaturas sejam encontradas anterior ou posteriormente àquela, ou àquelas datas indicadas. Essas datas indicam, rigorosamente, o século em que encontramos as abreviaturas nos documentos.

A impressão da primeira edição foi, por assim dizer, um trabalho artesanal, a exemplo da capa que montamos como exemplo para servir de base para um especialista elaborar a definitiva. Acabou sendo a capa definitiva publicação. Editada e divulgada a primeira edição, logo se mostrou de grande utilidade, pois que, rapidamente, se esgotou.

Não era, e não é, um trabalho completo, pois todo empreendimento dessa natureza, como é o caso dos dicionários, enciclopédias e elucidários, trazem implícito o conceito de obra inacabada. Ela pode sofrer acréscimos indefinidamente. Como escreveu o professor José Witter, na Apresentação dessa edição:

Nasceu da própria pesquisa e foi publicada nos Cadernos de Estudos Baianos. Posteriormente apareceu sob a forma de “apostila”. Chegou até os diversos estudiosos de nossa História, principalmente os que cuidam da Colônia e do Império, no Brasil, através de sucessivas cópias xerográficas, que eram sempre reproduzidas e cada vez apresentando falhas de impressão maiores, devido ao constante manuseio. Após entendimentos com a autora e consulta a professores, pesquisadores e funcionários da Divisão de Arquivo do Estado, pensamos em transformar a apostila em publicação em livro. A Seção de Publicações, da Divisão de Arquivo, aceitou a proposta e a tarefa a ser desenvolvida, sabendo das dificuldades todas, desde o trabalho de datilografia até o acabamento final. E assim se pôs a campo mais uma vez uma equipe, a Seção de Publicações, organizando os originais da autora, o Setor de Reprodução executando as reduções xerográficas e preparando as chapas que seriam rodadas pela “Multilith” e acabariam no Setor de Encadernação. Se se tratasse de um trabalho gráfico normal e com recursos sofisticados (daí algumas falhas se pensarmos numa tecnologia avançada), necessário se faz ressaltar, sem nomear, o espírito de companheirismo e a vontade de melhor fazer.

E, continuava:

O resultado do trabalho aí está. Simples na sua “arte final”, simples na sua apresentação, simples no seu objetivo que é o de servir efetivamente. A obra é realmente inacabada e deve ser dinâmica, pois se retomarmos muitos dos próprios manuscritos trabalhados, talvez neles mesmos encontraremos outras abreviaturas não anotadas e por isso, de tempos em tempos, deverá ser ampliada, deverá ganhar anexos ou se fará uma nova edição.

Estas passagens constam das “Abreviaturas – manuscritos dos séculos XVI ao XIX” (FLEXOR, 1979, p. V). Na realidade não se tratava de um dicionário, mas de uma relação estendida, porém, passou a ter grande utilidade para os pesquisadores, especialmente os iniciantes.

Desse exemplar foram feitas várias cópias xérox, porém, a demanda foi sempre crescendo até que, em 1990, o próprio Arquivo do Estado de São Paulo, na pessoa do seu então diretor, Carlos Alberto Dória, e a Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), com o apoio da Fundação para o Desenvolvimento, da mesma Universidade, possibilitaram a publicação da segunda edição das “Abreviaturas – manuscrito dos séculos XVI ao XIX” (FLEXOR, 1991, 468p.).

Composta e publicada com meios mais modernos, com o uso de computador, a edição comportou ampliação de novas abreviaturas. Essa segunda edição continha cerca de 20.000 abreviaturas simples, incluindo um maior número de expressões abreviadas, como aquelas constantes do protocolo e/ou saudações, nomes de instituições, expressões jurídicas, cargos públicos, - civis ou militares e eclesiásticos -, “statocolo” ou despedida, para facilitar a consulta e não obrigar o pesquisador a buscar cada uma das abreviaturas, e cujos exemplos podem ser vistos mais abaixo neste texto. Basta procurá-las em ordem alfabética.

A sua distribuição no mercado ficou por conta da UNESP que, em troca de alguns exemplares, manteve os direitos autorais da edição. Vale ressaltar que as provas finais para impressão não foram submetidas à revisão da autora, motivo pelo qual podem ser apontados muitos erros, provenientes de trocas, leitura incompleta, mudança de ordem alfabética, enfim que pode ter prejudicado o seu objetivo final que era auxiliar a compreensão de abreviaturas de manuscritos antigos.

Em 2004, por iniciativa de Vitor Manoel Marques da Fonseca, funcionário do Arquivo Nacional, e de um “paleoamigo”, Jaime Antunes da Silva, seu diretor, começaram os entendimentos para a impressão das abreviaturas, numa 3ª edição. Desta feita, nos ocupamos pessoalmente da digitação e organização das abreviaturas, expressões e outras formas de representação, símbolos, sinais especiais, etc, tarefa que teve o auxílio incontestável da equipe técnica do Arquivo Nacional, como Maria Aparecida Silveira Torres, coordenadora Geral de Acesso e Difusão Documental, Maria Elizabeth Brêa Monteiro, Coordenadora de Pesquisa e Difusão do Acervo, Maria Rita Aderaldo, Alba Gisele Gourget e Mariana Simões responsáveis pela revisão e as duas últimas também pela supervisão editorial, e com Alzira Reis, responsável pelo projeto gráfico. Também se contou com a colaboração do designer Elias Bittencourt, professor de tipografia da Universidade Salvador (UNIFACS), que criou os tipos com acentuação incomum e os símbolos

inexistentes nos programas de digitação disponíveis para edição de texto (FLEXOR, 2008, 600p.).

Esta edição, foi revista e aumentada, alcançando cerca de 25 mil abreviaturas, sem se contar as expressões de endereçamento, subscrição, topônimos, etc. A maior parte dos exemplos apresentada compõe as abreviaturas propriamente ditas. Deixamos de lado as intermináveis, e muitas não desvendáveis siglas⁶, apresentando apenas aquelas que foram consagradas nos manuscritos antigos. Nesta edição foram separadas as abreviaturas simples das abreviaturas compostas e expressões abreviadas, para facilitar a identificação, em ambos os casos, além de outras abreviaturas com sinais especiais, símbolos, números, datas etc,

Para orientar os pesquisadores, continuaram a ser colocados os séculos em que as abreviaturas foram usadas nos documentos. Registraram-se unicamente as datas das abreviaturas, colhidas pela autora e pessoas que colaboraram nas três edições. Isto explica as discrepâncias de datas entre as mesmas abreviaturas no feminino e no masculino ou entre singular e plural, por exemplo. Não se levou em consideração a probabilidade de terem sido utilizadas.

Para não haver repetições inúteis, não se consideraram algumas características próprias da grafia dos manuscritos. Por exemplo, podemos citar, de um lado, a presença, com certa freqüência, de letras maiúsculas no meio das palavras abreviadas, - principalmente C, L, R e S⁷, por outro, muitos nomes próprios que aparecem com letras minúsculas. No primeiro caso preferimos eliminar as letras maiúsculas e, no segundo, substituir as minúsculas por maiúsculas. Foi conservado apenas um ou outro exemplo.

Mantivemos, entretanto, as abreviaturas que se achavam ligadas a artigos definidos, indefinidos, conjunções, preposições e pronomes, para evitar eventuais confusões de leitura e mostrar que essas ligações apareciam com muita freqüência nos manuscritos⁸.

As abreviaturas foram colocadas em ordem alfabética, considerando também na ordenação as letras em suspensão. Eventualmente podem aparecer

⁶ Na atualidade, o uso de siglas tornou-se moda na atualidade. Qualquer pessoa, mesmo que a sigla não exista oficialmente, a agrega ao nome de empresa, instituição, movimento sociais, etc. Assim, além da imensa multiplicação de siglas, nacional e internacionalmente, é preciso investigar as que são oficiais ou as que foram agregadas aleatoriamente, o que torna a tarefa muito difícil.

⁷ Letras duras, significando representação gráfica duplicada.

⁸ Ver exemplos abaixo.

Brasileiro, Biblioteca e Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro, Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Arquivo Público do Estado e Casa da Memória de Curitiba, do Paraná, documentação manuscrita de propriedade da Universidade Católica de Goiás, Instituto de Estudos Brasileiros, da USP, diversos arquivos de instituições religiosas de Salvador, etc. Contou-se, entre esses documentos, com aqueles depositados no Arquivo Histórico Ultramarino, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional da Ajuda, Instituto de Geografia e Diretoria de Engenharia, de Lisboa, e Arquivo Distrital do Porto/Portugal. Outras abreviaturas foram incorporadas, tiradas da “Relação alfabética de abreviaturas extraídas de documentos e códices do Arquivo Histórico Ultramarino, para uso do seu pessoal técnico e dos investigadores”, fornecida pela direção do citado Arquivo, além das abreviaturas colhidas pelos orientandos do professor doutor Heitor Megale, do Departamento de Letras, da Universidade de São Paulo.

A essa altura, as abreviaturas e as noções de paleografia, tanto interessavam a historiadores quanto aos filólogos, historiadores da língua portuguesa no Brasil que permitiu, além de nossa participação em Bancas de Mestrado e Doutorado, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, também da criação, junto com a professora doutora Ilsa Ribeiro, de um Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Documentos – NIPED-S450, na UNIFACS⁹, que visava estudar e organizar edições semidiplomáticas de documentos manuscritos de Salvador-Bahia, dos séculos XVIII e XIX e, com base nesses documentos, realizar estudos históricos, sócio-culturais e lingüísticos que retratassem as características peculiares daquelas épocas, permitindo entender melhor as particularidades do Brasil, nas áreas citadas (RIBEIRO, 1999).

Para atender aos pesquisadores de história, arquivistas, leitores de manuscritos, por convocação do Comitê de Paleografia e Diplomática e Arquivo Público do Estado de São Paulo, formou-se Comissão de Sistematização e Redação de Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos, em 1990¹⁰, tornando a realizar outra reunião em 1993¹¹ na qual se

⁹ Esse Núcleo vinha participando de eventos nacionais, com apresentação de trabalhos, tinha bolsistas do PIBIC/FAPESB, entretanto foi extinto sem explicações pela instituição.

¹⁰ Composta por Antonio Houaiss, Heloisa L. Bellotto, Jaime Antunes da Silva, João Erurípedes Franklin Leal, Maria Helena Ochi Flexor, Roseli Santaella Stella, Yedda Dias Lima (LEAL, 1994).

concretizou o documento contendo as Normas que ainda se encontram em uso (ARQUIVO NACIONAL, s.d.). Não atingindo às necessidades dos filólogos e lingüistas, a equipe do professor doutor Heitor Megale complementou e adaptou, para essas áreas, as normas do Comitê (MEGALE, 1998, p. 32-34)¹². Em ambos os casos, as normas ainda não foram submetidas à aprovação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que possui, no entanto, inseridas em outras normas, diversas regras para indicação de listas de siglas e abreviaturas da atualidade (ABNT, 2006). Existem, por outro lado, na *internet*, trabalhos de vários pesquisadores que listam as abreviaturas utilizadas comumente em guias ortográficos (MORAES, s.d.).

Os calígrafos de todos os tempos, mas de modo especial os da Idade Média, quer para poupar espaço, devido à escassez de materiais de base e de registro, quer por economia de tempo, fizeram uso de um completo sistema de abreviaturas, siglas e das chamadas notas tironianas, prática que permaneceu em uso após aquele período.

Para os documentos luso-brasileiros não existem regras de abreviaturas, ou abreviações, mais usuais nos documentos europeus de outras regiões. Entretanto, algumas delas foram normal e comumente utilizadas pelos calígrafos ou escrivães, como por exemplo: m^e ou m^{te}, indicando a abreviação do sufixo mente, como na palavra juntam^e ou juntam^{te} = juntamente. Outros exemplos de abreviaturas com sufixos imutáveis podem ser encontrados no final da publicação, 3ª edição, das Abreviaturas (FLEXOR, 2008, p. 598-599).

As abreviaturas eram tão comuns nos documentos, até o século XIX, que podemos citar o curioso exemplo de sua presença nos pasquins ou panfletos, afixados pela cidade do Salvador, em agosto de 1798, e que gerou o processo da chamada Conspiração dos Alfaiates. Isso significa que a própria população letrada de então estava familiarizada com essa forma de grafar as palavras. No conjunto desses documentos da conspiração, existentes no Arquivo do Estado da

¹¹ Comissão composta por Ana Lúcia L. Werneck, Ana Regina Berwanger, Carlos de Almeida P. Bacellar, Gracilda Alves, João Eurípedes Franklin Leal, José Marques, Marcelo Meira A. Bogaciovas, Maria Helena Ochi Flexor, Vitor Manoel m. da Fonseca, Yedda Dias Lima (LEAL, 1994).

¹² Essas normas foram estabelecidas por uma comissão, composta por professores da Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal da Bahia.

Bahia e Biblioteca Nacional, encontram-se, também, alguns exemplos de abreviaturas ou sinais não convencionais, como datas, algarismos romanos, números ordinais, etc.

Apesar da ausência de regras sistemáticas de uso de abreviaturas nos documentos luso-brasileiros, podemos, de maneira genérica, dividi-las em:

Notas tironianas - de acordo com os paleógrafos latinos, foram a mais antiga forma de taquigrafia europeia. Permaneceram por longo tempo quase indecifráveis e, em virtude disso, incluídas entre as escritas misteriosas da Antiguidade. Desde o século XVI, estudiosos publicaram obras acerca desse tipo de anotação. As regras desse sistema gráfico, porém, foram estudadas com maior profundidade pelo paleógrafo Ulrico Knopp, que publicou, em 1817, em Mannheim, Alemanha, a "*Paleographia critica seu Tachygraphia Veterum exposita et illustrata*", em quatro volumes, sendo o segundo, intitulado "*Lexicon tironianum*" no qual foram apresentadas cerca de 12 mil abreviaturas, em ordem alfabética com transcrição literal e interpretação. Contem ainda uma lista com palavras latinas e suas correspondentes tironianas (CURY, 2001, p. 5).

Chamavam-se notas tironianas porque se atribuiu sua invenção ao liberto de Cícero, Marcus Tullius Tiro, século I a.C. Suetônio afirmou serem de autoria de Ennio, enquanto outros a atribuíram a Sêneca. Entretanto, a maioria dos autores aceitou como invento de Tiro, que se servia desse sistema taquigráfico para captar, na íntegra, em tábuas enceradas e estilete, os discursos dos mais famosos oradores romanos. Essas notas tiveram largo emprego e tornaram-se mais complicadas na Idade Média. Delas se servia, por exemplo, o papa Silvestre II, o que lhe rendeu a fama de feiticeiro e cabalista. Foram pouco utilizadas nos documentos luso-brasileiros, mas eram encontradas até o século XVI, após o que desapareceram por completo.

As notas tironianas baseavam-se nas letras do alfabeto maiúsculo romano. Os sinais eram utilizados em várias posições, tendo significação diferente em cada uma delas. Dois elementos podiam ser distinguidos: o *signum principale*, geralmente a inicial da palavra, e os *signa auxiliaria*, que representavam uma terminação qualquer da palavra abreviada¹³. Por exemplo: D' = Deis. DO" – dom.

¹³ No século II d.C. o Direito passou a utilizar um sistema de abreviaturas, do qual algumas expressões ainda são sobreviventes: d. v. = *data venia*; v. g. = *verbi gratia*, etc.

Siglas – a palavra provém de *singula*, adjetivo que acompanhava o substantivo *lettera*: *lettera singula*, *letterae singulae*.

As siglas são letras maiúsculas do alfabeto que, sozinhas, representam palavras simples, duplicadas ou expressões completas e das quais são a inicial. Foram usadas desde a Idade Média, muitas vezes com o mesmo sentido e finalidade das abreviaturas. Por exemplo: B = beato; D = dom; P = padre; PNAM = Padre Nosso, Ave Maria¹⁴.

As siglas podem dividir-se em três tipos:

- a. siglas simples – quando indicadas apenas por uma letra, como os exemplos acima, ou mais recentemente: OTAN = Organização do Tratado do Atlântico Norte; ONU – Organização das Nações Unidas; ONG – Organização Não Governamental;
- b. siglas reduplicadas – quando a letra é repetida para significar o plural das palavras representadas, ou quando, na palavra, a letra é encontrada pelo menos duas vezes, ou, ainda, em expressões correntes. Por exemplo: SS = santíssimo; RR = reverendíssimo ou reverendíssimos; PP = padres ou paternidades¹⁵;
- c. siglas compostas - quando são formadas pelas duas ou três primeiras letras da palavra ou pelas letras dominantes do vocábulo ou expressão. Por exemplo: MOBRAL = Movimento Brasileiro de Alfabetização; SUDENE = Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste; PETROBRAS = Petróleo do Brasil, de uso mais recente.

Abreviaturas propriamente ditas - foram, também, chamadas breves até o início do século XX ou, alternativamente, abreviações. A braquigrafia é a área de estudos das abreviaturas de textos antigos. Abreviatura vem do grego *braqui* (reduzido, curto) e *graphein* (escrever) e significa escrita reduzida de palavra (SILVA, 2010).

As abreviaturas são diferentes das siglas que, complementando o exposto acima, designam as letras iniciais de uma alocução substantiva ou nome

¹⁴ Tipologia de siglas, abreviaturas ver FLEXOR, 1979.

¹⁵ Na atualidade a duplicação perdeu essa característica. SS, por exemplo, pesquisada por curioso na internet, resultou nas seguintes significações: SS = *separated seats*, referente ao modelo do automóvel Opala Coupê SS6cc75 ou SS – *Super Sport* = super esporte, referindo-se à *performance* da Chevrolet, ou *Super Star* = super estrela, esta referindo-se a uma propaganda da GM (General Motors). Teve outros significados na década de 1930-1940. SS – Schutzstaffel = tropa de proteção nazista.

composto, representado pelas iniciais maiúsculas de vocábulos que as compõem. Diferentemente das abreviaturas, que podem ser escritas de formas variadas, tendo uma mesma significação, as siglas, desde que surgiram nos monogramas medievais, quanto continuam a existir nas marcas de produtos, empresas, instituições, são praticamente imutáveis, por estarem intimamente ligada à sua origem: monogramas ou marcas. No mundo globalizado as siglas vêm se multiplicando indefinidamente e fogem, muitas vezes, à compreensão da maioria das pessoas. Nesse sentido, este trabalho se dedica apenas às abreviaturas, mas inclui as siglas consideradas históricas, utilizadas na documentação antiga¹⁶.

Pensou-se que as abreviaturas da Idade Média não obedecessem à regra alguma e que dependessem tão-somente da fantasia de cada um e, por isso, passou-se a usá-las arbitrariamente. Apesar disso, as abreviaturas têm duas partes, como as siglas. A primeira, contendo parte da palavra, ou conjunto de algumas de suas consoantes e poucas vogais, constitui o signo fixo, - ou *signum principale* das notas tironianas -, que indica em parte a palavra que se abrevia. A segunda parte é o complemento da palavra, frase ou expressão abreviada, - ou *signa auxiliaria* -, ou seja, a abreviatura propriamente dita.

Podem ser agrupadas em¹⁷:

- a. abreviaturas que tomam por base sinais gerais – são aquelas que indicam simplesmente a abreviação de uma palavra sem apontar o elemento que falta. Subdividem-se em:
 - abreviaturas por suspensão ou apócope – quando falta o final da palavra. Por exemplo: Jub. = jubilado; Mag. = majestade; igr. = igreja;
 - abreviaturas por contração ou por síncope – quando faltam letras do meio do vocábulo. Por exemplo: ADS – a Deus ou adeus; Frz = Fernandez; Alvrs = Álvares;

¹⁶ Com o advento das mídias eletrônicas, - *internet* -, especialmente a partir do ICQ (acrônimo de *I Seek You*, ou “i-ce-quê” – eu procuro você), do SMS (Messenger - *Short Message Service*), criou-se um sistema grafolinguístico, composto por conjunto de abreviações de sílabas e simplificações de palavras baseadas na pronúncia e eliminação de acentos e vogais, que se denominou bloguês, ou internetês (KOMESU, 2006, p.425; MARCONATO, 2006), vulgarizado pelas demais redes sociais, como *blog*, *twitter*, *orkut*, *chat*.

Um minidicionário de abreviaturas nas redes é acessível através do site http://antiga.ajuda.sapo.pt/comunicacao/sms/utilizacao_do_servico/Dicion_rio_de_abreviaturas_MS.html). Merecem estudo a parte.

¹⁷ Algumas inspiradas nos metaplasmos fonéticos, como apócope e síncope.

- b. abreviaturas com letras sobrescritas – em que, em geral, é colocada a letra inicial ou prefixo da palavra e, em suspensão, a última ou as últimas letras da palavra abreviada¹⁸. Por exemplo: S^{or} = senhor; S^{to} = santo; T^{am} = tabelião; Capp^{am} = capitão;
- c. Abreviaturas que tomam por base sinais especiais, que indicam os elementos que faltam na palavra abreviada. Subdividem-se em:
- sinais de significado fixo, independentemente do lugar em que estiverem colocados. Por exemplo: acento agudo (´), apóstrofo, hífen ou til (- ou ~) colocados em cima de uma letra podem indicar m ou n, ou ainda contração de letras como cõtê – contem; comú = comum;
 - sinais de significado relativo – isto é, que dependem da letra em que se encontram ou da direção em que são colocados. Por exemplo: o traço horizontal (–) colocado sobre o W = que; ou colocado na haste do q = quem.

A par dessas formas, mais ou menos fixas, existem inúmeras variações, cujos exemplos seguem abaixo, especialmente quando muitos substantivos foram grafados unidos a artigos, preposição, pronome, conjunção, como nos exemplos:

Artigo definido feminino singular – aher^a = a herdeira; aladr^a = a ladeira; avang^{da} = a vanguarda;

Artigo definido feminino plural – aspt^{es} – as partes; asq^{es} – as quais; astt^{as} – as testemunhas;

Artigo definido masculino singular – ocx^m – o caixão; otp^o = o tempo; osgt^e = o seguinte;

Artigo definido masculino plural – osm^{es} = os mestres; osnecessr^{os} – os necessários; osprott^{os} – os protestos;

Conjunção como – comodez^o = como desejo; comoreq^r = como requer; comotttr^a – como testamenteira;

Conjunção e – ea^o – e amigo; eagr^o – e agregado; edebx^o – e debaixo;

Conjunção ou - ouaq^m = ou a quem; oudeq^{al}q^r – ou de qualquer; oum^{er} – ou mulher;

Preposição a mais artigo o singular – aoC. = ao capitão; aogr^{de} = ao grande; aop^e = ao padre;

Preposição a mais artigo o plural – aosmt^{os} – aos muitos; aosoff^{es} = aos oficiais; aosprimr^{os} = aos primeiros;

¹⁸ Levar em consideração que a grafia das palavras era diferente, como no caso de T^{am} que se escrevia Tabeliam e não Tabelião.

Preposição com mais artigo a – comad^a = com a dita; com a grd^e = com a grande; comav^a – com a viúva;

Preposição com mais artigo o – cômodo = com o dito; com o q' = com o que;

Preposição com mais artigo o plural – comosprott^{os} – com os protestos;

Preposição de – dear^o = de Araújo; dech^{bo} = de chumbo; devr^{de} – de verdade;

Preposição de mais a – daC^a = da Costa; daconp^{ção} - da Conceição; dafam^a – da família;

Preposição de mais o – doemt^o – do enterro; doexp^{to} – do espírito; doin^o – do inimigo;

Preposição de mais pronome demonstrativo este – destem^{mo} – deste mesmo; desteneg^{co} = deste negócio; desteprez^{te} = deste presente;

Preposição de mais pronome demonstrativo esta – destacid^e – desta cidade; destacom^{ca} – desta comarca; destafreg^a – desta freguesia;

Preposição em – emdr^o – em direito; emgr^{al} – em geral; emp^{ar} – em particular;

Preposição em mais artigo definido a – naconst^a – na consulta, naq^{tia} – na quantia; natttr^{ia} – na testamentária;

Preposição em mais artigo definido o – nocam^o – no caminho; nodestr^o = no distrito; nof^o – no filho;

Preposição em mais artigo definido o plural – nosl^{os} = nos livros; nosq^{es} = nos quais; nosrefferd^{os} – nos referidos;

Preposição em mais pronome demonstrativo esta – nestafam^a = nesta família; nestafr^a – nesta forma, nestav^a – nesta vila;

Preposição em mais pronome demonstrativo este – nestep^{ar} – neste particular; nestepart^{ar} – neste particular;

Preposição per mais artigo arcaico lo – pelom^{to} – pelo muito; pelod^o – pelo dito; peloq = pelo que;

Preposição per mais artigo arcaico la – peladirt^a – pela direita; pelaex^{am} = pela execução; pelaq^{al} – pela qual;

Preposição por – pordr^o – por dinheiro; porm^s – por muitos; porst^a – por santa;

Pronome demonstrativo esta – estacid^e – esta cidade; estafaz^a – estafazenda; estapt^e – esta parte;

Pronome demonstrativo este – estedr^o – este dinheiro; esteeff^o – este efeito; estesen^o – este senado;

Pronome possessivo sua – suaid^e – sua idade; sualeg^a – sua legítima; suavd^e – sua verdade

EXEMPLOS DE EXPRESSÕES

Protocolo eclesiástico

Abb^e o N. M^{to} R^o P^e M^e Ex-Prov^{al} Fr. – abade o nosso muito reverendo padre mestre ex-provincial frei.

Abd^e o m^{to} R. P^e Preg^{or} Fr. – abade o muito reverendo padre pregador frei.

D. Abb^e o N. M. R. P. M. Ex-Prov^{al} Fr. – dom abade o nosso mestre reverendo padre mestre ex-provincial frei.

Protocolo civil

Almox^e Intr^o da R^l Faz^a – almoxarife interino da Real Fazenda.

Cons^o da Faz^{da} – conselho da fazenda.

D^f Dez^{or} Ouv^{or} G^{al} e Prov^{or} dos Rez^{dos} – doutor desembargador ouvidor geral e provedor dos resíduos.

Protocolo militar

Aggreg^o a8^a Comp^a dotercr^o Regim^{to} d'Art^a – agregado à oitava companhia do terceiro regimento de artilharia.

Ajud^e daBrig^{da} d'Artilhar^a da Leg^m de V^s R^s – ajudante da brigada de artilharia da Legião de Voluntários Reais.

Alf^s da Comp^a da Cav^a da G^{da} N^{al} – alferes da companhia da cavalaria da Guarda Nacional

Brig^{da} de Art^a aCav^o da Leg^m de V^s R^s – brigada de artilharia a cavalo da Legião de Voluntários Reais.

Cap^m Agreg^o aprimr^a Comp^a deFuzilr^{os} doSeg^{do} Regim^{to} de Inf^a Mil^a – capitão agregado à primeira companhia de fuzileiros do segundo regimento de infantaria miliciana.

Comp^a de Cassadr^{es} doSeg^{do} Regim^{to} deInf^a Mil^{na} – companhia de caçadores do segundo regimento de infantaria miliciana.

Statocolo eclesiástico

A V. R^{ma} q' Deos g^{de} – a vossa reverendíssima que Deus guarde.

B. az Exm^{as} mans de V.Ex^{ca} R^{ma} – beija as excelentíssimas mãos de vossa excelência reverendíssima.

Deos G^e a VP^e M^{to} R^{das} m^s – Deus guarde a vossa paternidade muito reverendas mãos.

Statocolo civil

A cuja Ill^{ma} e Ex^{ma} p^a g^e D^s m^s an^s – a cuja ilustríssima e excelentíssima pessoa guarde Deus muitos anos.

Afect^{zo} serv^o e hum^e Cr^o – Afetuoso servo e humilde criado.

Am^o m^{to} Saudozo, m^{to} am^o e Seu Cr^o obrig^o – amigo muito saudoso, muito amigo e seu criado obrigado.

Att^o e seo obr^{mo} subd^o – atendo e seu obrigadíssimo súdito.

B. os pés de VEx^a meu S^r Seu fiel Cr^o – beija os pés de V. Exa. meu senhor seu fiel criado.

Cons^o de S. Mag^e q' D^s G^e – conselho de sua majestade que Deus guarde.

E. R. M^{ce} – e receberá mercê.

Profissionais civis

C^{da} p^r mim Escr^{ão} Ajud^e – consertada por mim escrivão ajudante.

Carc^r Ademⁿ – carcereiro administrador.

Carpintr^o da Rib^r – carpinteiro da Ribeira;

Cirurg^{mor} do Hosp^{al} – cirurgião-mor do hospital.

Com^o Vez^{or} – comissário visitador.

Ecom^{go} Inqr^{or} – e comigo inquiridor.

Engenh^o ao serv^o da m^{ma} Prov^a – engenheiro a serviço da mesma província.

Topônimos

Abx^a dos Sapatr^{os} – a Baixa dos Sapateiros.

Bx^a dos Çapatr^{os} – Baixa dos Sapateiros.

Cam^o deS^{tos} – Caminho de Santos.

Bn^s Ay^s – Buenos Aires.

Esp^{to} S^{to} – Espírito Santo.

Guind^e dos P^{es} – Guindaste dos Padres.

Medidas

B. quad^{as} – braças quadradas.

C^o e ½ – côvado e meio.

Can^s de v^o da Figr^a – canadas de vinho da Figueira.

Números

CCC = trezentos.

CCC^a = tricentésima.

CCCC^{tos} = quatrocentos.

Como foi dito anteriormente, a listagem de abreviaturas, mesmo atingindo um número considerável de exemplos, é uma obra inacabada. Continuamos a “coleccionar” e a receber contribuições para o aprimoramento desse “dicionário” para, cada vez mais, poder facilitar a leitura de manuscritos antigos.

RERERÊNCIAS

ABNT. NBR 15.287:2006. *Informação e documentação* – Projeto de pesquisa – Apresentação. 2006. disponível em www2.unifap.br/edfísica/?file_id=15. Acesso em 16 ago. 2010.

ARQUIVO NACIONAL. *Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos*. s.d. Disponível em www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Transcreve.pdf. Acesso 12 jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS. *Normas técnicas de transcrição e edição de documentos manuscritos*. 1993. Disponível em www.aab.org.br/normtec.htm. Acesso em 13 ago. 2010.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e diplomática* 3ª.ed. Santa Maria/RS: UFSM, 2008.

COSTA, Renata Ferreira. Abreviaturas: simplificação ou complexidade da escrita? *Revista Histórica*, São Paulo, n. 15, out. 2005. Disponível em www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao15/materia01. Acesso em 9 ago. 2010.

CURY, Waldir. *Breve histórico da taquigrafia*; fatos interessantes (e curiosos) na história da taquigrafia. Disponível em www.taquigrafia.emfoco.nom.br/.../breve_historico_para_o_site.pdf. acesso 11 jul. 2010.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. 600p.

_____. *Abreviaturas – manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 2ed. São Paulo: UNESP/Arquivo do Estado de São Paulo, 1991. 468p.

_____. *Abreviaturas; manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo, 1979. 391p.

_____. *Noções de paleografia*. Salvador: Centro de Estudos Baianos. 1970. 15p. (Publicação 66).

GARCIA, Rosicleide Rodrigues. *Estudo paleográfico e codicológico dos documentos de Capivari do século XIX*, 2006. Disponível em www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp23/06.pdf. Acesso 13 ago. 2010.

_____. Estudo das abreviaturas dos documentos de Capivari no século XIX. *Filologia Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n. 10-11, p. 149-172, 2008/2009. Disponível em www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP10-11/Garcia.pdf. Acesso em 13 ago. 2010.

KOMESU, Fabiana. Visões da língua(gem) em comentários sobre internetês não é língua portuguesa, *Filologia Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n. 8, p. 425-437, 2006.

LEAL, João Eurípedes Franklin. *Normas paleográficas de transcrição de documentos: o uso no Brasil*. 1994. Disponível em www.asocarchi.d/DOCS/78.pdf. Acesso em 13 ago. 2010.

MARCONATO, Sílvia. A revolução do internetês. *Guia da Boa Escola*, São Paulo, 2006. Disponível em www.guiaboaescola.com.br. Acesso, 13 ago. 2010.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Silvio de Almeida ((Org.)). *Por minha letra e sinal*; documentos do ouro do século XVII. Cotia/SP: AE Ateliê Editorial/FAPESP, 2005. (Série Diachronica, 4).

MEGALE, Heitor. Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português no Brasil. In: MEGALE, Heitor. *Filologia bandeirante, Itinerários*, Araraquara/SP, n. 13, p. 32-34, 1998.

MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de paleografia*. 2.ed. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2008.

_____. A paleografia e suas dificuldades. In: SÃO PAULO. Secretaria de Educação. *Boletim do Departamento de Arquivo do Estado de S. Paulo*. São Paulo: J. Bignardi, 1953. v. 10, p. 183-199. (8ª. Aula do Curso Livre de Paleografia, organizado pelo Departamento do Arquivo do Estado, dia 6 de novembro de 1952).

MORAES, Jorge Viana de. *abreviaturas, siglas e sinais (1)*. s.d. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/portugues/abreviaturas-siglas-sinais.jhtm>.

NUNES, E. Borges. *Abreviaturas paleográficas portuguesas*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1980-1981. ms.

RIBEIRO, Ilza. *Contribuições à historiografia soteropolitana e ao estudo do português do Brasil*, 1999. Disponível em www.filologia.org.br/anais%20iv/civ0139-52.html. Acesso 13 ago. 2010.

SILVA, Maria Cristina Parreira da; BATISTA, Abner Maicon Fortunado. Abrev. é preciso. Reportagem, *Revista Língua Portuguesa*. s.l., s.d. Disponível em

http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/tramatica-ortografia/17/imprime_134898.asp.
Acesso 13 ago. 2010.